



5 • Correio Braziliense — Brasília, sexta-feira, 29 de abril de 2022

<b>Bolsas</b> Na quinta-feira	<b>Pontuação B3</b> Ibovespa nos últimos dias	<b>Salário mínimo</b>	<b>Dólar</b> Últimas cotações (em R\$)	<b>Euro</b> Comercial, venda na quinta-feira	<b>Capital de giro</b> Na quinta-feira	<b>CDB</b> Prefixado 30 dias (ao ano)	<b>Inflação</b> IPCA do IBGE (em %)
0,52% São Paulo	110.685	R\$ 1.212	Na quinta-feira	R\$ 5,191	6,76%	12,44%	Novembro/2021 0,95 Dezembro/2021 0,73 Janeiro/2022 0,54 Fevereiro/2022 1,01 Março/2022 1,62
1,85% Nova York	25/4 26/4 27/4 28/4		22/abril 4,805 25/abril 4,875 26/abril 4,990 27/abril 4,967				

**TRABALHO /** Levantamento feito pela agência Austin Rating, com base em projeções do FMI, indica que, devido ao baixo crescimento da economia, o Brasil ficará este ano em 9º lugar numa lista de países com maior taxa de desocupação

# Entre os campeões do desemprego

» ISABEL DOURADO\*

Um levantamento feito pela agência de classificação de risco Austin Rating aponta que o Brasil deve aparecer entre os 10 países com as maiores taxas de desemprego no mundo em 2022. Com um índice de 13,7% da população ativa sem trabalho, o país terminará o ano, segundo o estudo, na 9ª posição da lista. O trabalho foi feito com base em projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI) para 102 países. O Brasil tinha ficado com a 16ª pior posição em 2021 e com a 22ª em 2020, ou seja, a situação se agravou nos últimos anos.

A média global de desemprego para este ano, ainda de acordo com o estudo, será de 7,7%. O Brasil, além de apresentar situação bem pior, tem uma taxa maior do que a média das nações emergentes (8,7%). Além disso, o índice de desocupação no país é

o segundo mais elevado entre os membros do G20, o grupo das maiores economias do mundo, perdendo somente para a África do Sul.

Desde 2016, o desemprego no Brasil supera os dois dígitos. A menor taxa da série histórica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi registrada em 2013, quando ficou em 6,3%. O último dado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registra que, no trimestre encerrado em fevereiro passado, a taxa de desemprego no país foi de 11,2%, indicando que 12 milhões de brasileiros estão à procura de trabalho.

Virginia Prestes, professora de finanças da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), de São Paulo, explicou que o desemprego está diretamente relacionado ao baixo crescimento econômico do Brasil. “O país teve uma década perdida em o PIB (Produto Interno Bruto) ficou praticamente

Ana Rayssa/CB/DA Press



Desempenho do país é inferior ao de outros emergentes

estagnado, enquanto o mundo crescia. Por outro lado, a gente teve uma inflação muito alta. Isso corrói o poder de compra, e, nesse

cenário, as empresas não têm por que investir e contratar mão de obra”, disse. Além disso, “a legislação trabalhista é complexa e não

## Mal na foto

**Maiores taxas de desemprego previstas para 2022:**

1. África do Sul	35,2%
2. Sudão	30,2%
3. Cisjordânia e Faixa de Gaza	25,7%
4. Armênia	19,5%
5. Geórgia	18,5%
6. Bósnia-Herzegovina	15,7%
7. Macedônia do Norte	15,7%
8. Bahamas	13,9%
9. Brasil	13,7%
10. Costa Rica	13,4%
11. Espanha	13,4%
12. Grécia	12,9%
13. Colômbia	11,9%
14. Marrocos	11,7%
15. Turquia	11,3%

Brasília, afirmou que a economia brasileira vive há muito tempo uma grande perda de dinamismo, que se reflete na taxa de desemprego. “Existem fatores conjunturais que levam a isso, como a sequência de crises que vivemos desde 2015, com a recessão gerada durante o governo Dilma e a pandemia”, observou.

“Nossos trabalhadores estudam pouco, em comparação a outros países, e o ensino, em geral, é de má qualidade. Da parte das empresas, existem muitas barreiras comerciais que encarem a incorporação de tecnologias. O crédito caro e a insegurança jurídica também travam os investimentos. São várias questões que dificultam o crescimento sustentável do PIB brasileiro e comprometem a geração de empregos”, concluiu Carazza.

\* Estagiária sob a supervisão de Odail Figueiredo

incentiva a criação de emprego com carteira assinada”.

Bruno Carazza, mestre em economia pela Universidade de

## Protesto de policiais federais

Raphael Felice/CB/DA Press



Policiais federais de diferentes carreiras participaram de uma manifestação em frente à sede da Polícia Federal, em Brasília. Também ocorreram protestos em capitais de outras unidades da Federação. Os integrantes da Polícia Federal cobram reajustes salariais e a reestruturação

da PF, uma promessa do presidente Jair Bolsonaro (PL) feita no ano passado durante articulações sobre o Orçamento de 2022. Foram reservados R\$ 1,7 bilhão para esta finalidade. Entretanto, com a pressão de outras categorias de servidores da União, o governo recuou e, neste ano, prometeu

um reajuste linear de 5% para todas as categorias. “Estamos há mais de 800 dias sem reajuste, conversando com parlamentares e nada é feito. Ora, estamos em um governo que tem a bandeira da segurança pública”, disse Gilvan Albuquerque, presidente do Sindicato dos Policiais Penais Federais do DF

## Menos vagas formais

» MARIA EDUARDA CARDIM

O Brasil criou 136.189 empregos com carteira assinada em março, segundo os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) divulgados, ontem, pelo Ministério do Trabalho e Previdência. Esse foi o menor número mensal de empregos formais deste ano.

Em janeiro, foram abertas 149,5 mil vagas, e, em fevereiro, 329,4 mil. Ou seja, em comparação ao mês anterior, houve uma queda de 58,6%. O número de empregos formais gerados também foi 11,3% menor que o de março de 2021 (153,4 mil), quando o país vivia o auge da pandemia.

Apesar da desaceleração, o governo federal destacou que março foi o terceiro mês seguido de saldo positivo na criação de postos de trabalho com carteira assinada. Quatro dos cinco grandes setores da economia tiveram saldo positivo, com destaque para o setor de serviços que abriu 111.513 novos postos de trabalho.

Enquanto isso, a construção abriu novas 25.059 vagas, a indústria mais 15.260 e o comércio teve um saldo de 352 empregos formais. Apenas o setor da agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura apresentou um

saldo negativo com o fechamento de 15.995 postos de trabalho.

“Na agropecuária o saldo de março já é mais reduzido porque temos uma sazonalidade do fim da safra de açúcar no Nordeste, mas este ano isso foi agravado pela seca na região Sul e um pedaço de São Paulo”, explicou o coordenador-geral de Cadastros, Identificação Profissional e Estudos do Ministério do Trabalho, Felipe Pateo.

## Salário menor

Outro dado revelado pelo Caged foi a queda de R\$ 38,72 no salário médio de admissão em relação ao mês anterior. Em março, essa remuneração foi de R\$ 1.872,0, ante R\$ 1.910,79 em fevereiro. Em março do ano passado, o salário na contratação era de R\$ 2.018,60.

De acordo com os dados do Ministério do Trabalho, no acumulado do ano, foram criadas 615.173 vagas. O número é menor do que o do mesmo período do ano passado (805,1 mil). Mesmo com a desaceleração, o ministro do Trabalho e Previdência, José Carlos Oliveira, tem expectativa positiva para o ano. “Esse número nos permite sonhar com um acumulado, até o fim do ano, superior ao que havíamos programado, de 1 milhão de novos empregos”, afirmou.

## CONTAS PÚBLICAS

# Alta da receita não evita déficit

» ROSANA HESSEL

A Receita federal informou ontem que a arrecadação de tributos federais bateu recorde em março, somando R\$ 164,1 bilhões, um aumento real (já descontada a inflação) de 6,9% em relação ao mesmo mês do ano passado. No entanto, a disparada das receitas não conseguiu evitar um saldo negativo de R\$ 6,3 bilhões, o primeiro do ano, nas contas públicas

consolidadas do governo central — que reúne Tesouro Nacional, Banco Central e Previdência.

O déficit primário (que não contabiliza as despesas com juros da dívida pública) foi resultado de um salto de 13,5%, em termos reais, nas despesas, em relação a março de 2021, para R\$ 143,7 bilhões. Já as receitas líquidas, descontadas as transferências para estados e municípios, avançou em ritmo menor,

de 6,7%, para R\$ 140,4 bilhões.

O secretário do Tesouro, Paulo Valle, minimizou o avanço das despesas e destacou que, devido a uma mudança de cronograma no pagamento de abono salarial e de seguro-desemprego, houve um aumento de R\$ 11,6 bilhões no volume desses gastos. Ele destacou ainda que, por conta do aumento do Bolsa Família, que passou a se chamar Auxílio Brasil, essa despesa também aumentou, passando de

R\$ 3 bilhões, em março do ano passado, para R\$ 7,4 bilhões neste ano.

“As receitas estão crescendo, e boa parte disso está sendo influenciada pelos preços das commodities, que ajudam as receitas especiais, como royalties”, destacou a economista Vilma Pinto, diretora da Instituição Fiscal Independente (IFI), do Senado. Ela lembrou que, assim como os governos regionais, os resultados primários da União estão vindo melhores por conta desse componente da receita e como resultado da inflação. “O problema é que o governo tem sinalizado medidas que podem piorar a

trajetória das despesas nos próximos meses”, alertou.

As contas do Tesouro fecharam no azul no mês passado, somando R\$ 13,9 bilhões, dado 43,5% inferior, em termos reais, ao registrado no mesmo período de 2021. O déficit do Banco Central somou R\$ 54 milhões em março. Já o rombo da Previdência Social encolheu 9,6% na comparação com o mesmo mês de 2021, somando R\$ 20,1 bilhões.

No acumulado do ano, as contas do governo central apresentaram superávit primário de R\$ 49,6 bilhões, 86% acima, em

termos reais, do saldo positivo contabilizado no primeiro trimestre de 2021. No acumulado em 12 meses até março, o déficit primário das contas do governo central somou R\$ 15,5 bilhões.

Nesse mesmo período, o rombo da Previdência Social ficou em R\$ 262 bilhões, dado R\$ 45,7 bilhões inferior ao saldo negativo no mesmo intervalo de 2021. Já o déficit previdenciário dos servidores e dos militares, que ficaram fora da reforma de 2019, praticamente não sofreu alteração e somou R\$ 103,4 bilhões. (Colaborou Michelle Portela)